

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 9, número 1 (2018)
ISSN: 2177-2886

Artigo

Participação e Protagonismo das Mulheres no Território da Cidadania da Baixada Cuiabana

*Participación y Protagonismo de Las Mujeres en
el Territorio de la Ciudadanía de la Baixada
Cuiabana*

*Participation and Protagonism of Women in the
Citizenship Territory of Greater Cuiabá*

Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira
Universidade do Estado de Mato Grosso –
Brasil
lisanilpereira@hotmail.com

Amanda Pereira da Silva Azinari
Universidade do Estado de Mato Grosso –
Brasil
amandaps_jra@hotmail.com

Waldineia Antunes Alcantara Ferreira
Universidade do Estado de Mato Grosso –
Brasil
waldineiaferreira@hotmail.com

Como citar este artigo:

PEREIRA, Lisanil da Conceição Patrocínio; AZINARI, Amanda Pereira da Silva; FERREIRA, Waldineia Antunes Alcantara. Participação e Protagonismo das Mulheres no Território da Cidadania da Baixada Cuiabana. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 1, p. 107-119, 2018. ISSN 2177-2886.

Disponível em:
<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Participação e Protagonismo das Mulheres no Território da Cidadania da Baixada Cuiabana

Participación y Protagonismo de Las Mujeres en el Territorio de la Ciudadanía de la Baixada Cuiabana

Participation and Protagonism of Women in the Citizenship Territory of Greater Cuiabá

Resumo

As reflexões e discussões contidas neste artigo são oriundas de ações realizadas no projeto “Interface entre extensão e pesquisa no acompanhamento de empreendimentos econômicos e solidários em comunidades tradicionais e áreas de quilombo no território da Cidadania na Baixada Cuiabana MT”. Dentre os vários resultados das articulações do projeto destaca-se o “I Encontro Territorial de Mulheres de Territórios Rurais e da Cidadania do Estado de Mato Grosso-MT”, que foi um evento relevante porque expôs para a comunidade acadêmica e a população em geral, produções científico-culturais realizadas no âmbito dos Comitês de Mulheres dos Colegiados Rurais.

Palavras-Chave: Mulheres; Patriarcado; Território.

Resumen

Las reflexiones y discusiones contenidas en este artículo provienen de acciones realizadas en el proyecto "Interfaz entre extensión e investigación en el seguimiento de emprendimientos económicos y solidarios en comunidades tradicionales y áreas de quilombo en el territorio de Ciudadanía en la Baixada Cuiabana MT". Entre los diversos resultados de las articulaciones del proyecto se destaca el "I Encuentro Territorial de Mujeres de Territorios Rurales y de la Ciudadanía del Estado de Mato Grosso-MT", que fue un evento relevante porque expuso para la comunidad académica y la población en general producciones científico-culturales realizadas en el marco de los Comités de Mujeres de los Colegiados Rurales.

Palabras-Clave: Mujeres; Patriarcado; Territorio.

Abstract

The reflections and discussions present in this article derive from the actions carried out in a project entitled, "Interface between extension and research while following economic and solidarity enterprises in traditional communities and “quilombo” areas in the Citizenship territory of Greater Cuiabá, Mato Grosso”. Among the several results of the project articulations is the “I Territorial Meeting of Women from Rural and Citizenship Territories in the State of Mato Grosso-MT”, which was a relevant event, since it showed both the academic community and the general public the scientific/cultural productions carried out within the ambit of the Women's Committees of Rural Collegiates.

Keywords: Women; Patriarchy; Territory.

Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, Amanda Pereira da Silva Azinari,
Waldineia Antunes Alcantara Ferreira



Introdução

O presente artigo reflete sobre resultados das ações produzidas pelo Comitê de Mulheres do Colegiado do Território da Cidadania da Baixada Cuiabana no Estado de Mato Grosso, como parte do projeto 'Interface entre extensão e pesquisa no acompanhamento de empreendimentos econômicos e solidários em comunidades tradicionais e áreas de quilombo no território da Cidadania na Baixada Cuiabana MT'.

O estímulo à criação dos Comitês de Mulheres no âmbito dos colegiados territoriais foi uma das Políticas Públicas do extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) concomitante ao incentivo à criação do Comitê de Juventude e Povos Tradicionais e Quilombolas no âmbito do Território. Esse trabalho foi possível mediante a articulação entre o Núcleo de Desenvolvimento Territorial da Baixada Cuiabana (Nedet), a Escola de Formação da Central Única dos Trabalhadores (Eco Cut) e o Centro de Formação da Economia Solidária (CFES). O objetivo principal do Nedet foi articular e assessorar o Colegiado do Território da Cidadania da Baixada Cuiabana. A articulação entre o Nedet/Unemat e a Eco Cut gerou projetos importantes de fortalecimento das mulheres e sua inserção e/ou formação em Economia Solidária.

A formação inicial do Comitê de Mulheres começa a partir de uma reunião do Colegiado e uma Audiência Pública da Agricultura Familiar, que ocorreu na Central de Comercialização da Agricultura Familiar do Território da Cidadania da Baixada Cuiabana, no dia 21 de junho de 2015. Esse Comitê passa por reestruturação, com elaboração de Ata Extraordinária em fevereiro de 2016, no Município de Chapada dos Guimarães-MT. A formação inicial desse Comitê foi possível, por meio de uma metodologia de trabalho entre as instituições parceiras (Nedet e Eco Cut) e mediante um planejamento que contou com a participação da Delegacia Federal do MDA em Mato Grosso. Frisemos que ao realizar esse percurso de formação com os Comitês de Mulheres do Território, também foram criados o Comitê da Juventude¹ do Território, além do Comitê de Povos Tradicionais e Quilombolas. No que respeita aos temas abordados pela equipe de trabalho, o bloco apresentado foi composto por: a) Economia Solidária e Inclusão Produtiva; b) Educação e Inclusão Produtiva; c) Fala Feminista sobre Inclusão Produtiva, Organização e Autonomia; d) Políticas Inclusão Produtiva (Plano de Aquisição de Alimentos - PAA) e Plano Nacional de Alimentação Escolar (PNAE); e) Relato de Experiência a partir da Formação e como montar um Micro Empreendimento: Organização e Gestão Financeira.

Assim, a organização deste artigo é feita na mesma significância das vivências, na perspectiva de acompanhá-las, compreensivamente, procurando transpor a análise e/ou as categorias estruturalistas e do cientificismo que pensam que a análise é a destruição em pedaços, tudo em caixinhas, como se dessa forma fosse possível compreender tudo ao redor. Isso tem sido

¹ Neste artigo faremos alusão apenas às mulheres, mas o trabalho com a juventude foi admiravelmente significativo.

Participação e Protagonismo das Mulheres no Território da Cidadania da Baixada Cuiabana

questionado, pois os movimentos reais da mente são separados para compreender, e depois junta tudo de novo, e ir além, ver as referências ao redor que geram uma identidade que o objeto não terá sozinho. Por isso, procuramos compreender o papel das Mulheres nas ações do Colegiado do Território da Cidadania da Baixada Cuiabana, de forma a unir os dois movimentos da mente, que são reais como manifestação dos fenômenos vivos do mundo para nós. Procuramos então, compreender a dialogicidade presente no Colegiado do Território.

Mulheres do Território da Cidadania da Baixada Cuiabana

As mulheres do Território da Cidadania da Baixada Cuiabana, são: agricultoras, rendeiras, catadoras, farinheiras, pescadoras, professoras, domésticas, donas de casa, artesãs, costureiras, doceiras. Essas mulheres contribuem na economia familiar. São exemplos de resistência dentro de suas comunidades ao assumirem responsabilidades como a educação, geração de renda em cooperativas ou na agricultura familiar. De igual forma, se expressa no respeito e preocupação com a sustentabilidade, com os espaços de liderança em sindicatos, associações e grupos religiosos. É escolha nossa, inclusive, porque fala do lugar destinado à mulher, mãe, esposa, trabalhadora do lar, que dedica a maior parte da vida a cuidar, sustentar aqueles que amam. Essas mulheres rompem com os padrões que a sociedade patriarcal insiste em lhe impor como reprodutoras, ‘bela, recatada e do lar’.

Além do trabalho de geração de renda, as mulheres do campo têm carga horária com duplas e triplas jornadas de trabalho, em que a hierarquia dos papéis desempenhados por homens e por mulheres coloca-as numa condição de exploração do trabalho, o que acaba sendo naturalizado por elas nas tarefas de: “a) cuidar dos filhos; b) limpar e arrumar a casa; c) preparar refeições; d) lavar a louça e roupas; e) estender a roupa no varal; f) cuidar de familiares doentes/idosos; g) ajudar nas tarefas da escola dos filhos.” (GARCÍA; MONTEIRO, 2015, p. 329).

Para Freitas (2007), a permanência da mulher no âmbito doméstico é ideal para a manutenção do sistema capitalista, que necessita de homens fortes e bem cuidados para suportarem a carga de trabalho desempenhada por eles. Essa é uma relação enraizada estruturalmente na sociedade capitalista-patriarcalista, e sua superação ocorre em processos lentos, pois há a necessidade de descolonizarmos nossas mentes e corpos a respeito das relações desiguais de gênero para que um dia as mulheres possam escolher se querem trabalhar em duplas jornadas, estudar ou ser o que elas quiserem.

O Saber e o Fazer da Mulher no Quilombo de São Benedito – Poconé - MT

Para falar das mulheres do Quilombo de São Benedito é preciso falar, primeiramente, do quilombo. Assim, o Quilombo de São Benedito localiza-se no interior do Município de Poconé. Lugar de refúgio de escravos afrodescendentes, lugar de formação da cultura afro-brasileira, lugar de resistência, território certificado pela Fundação Palmares. São espaços

Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, Amanda Pereira da Silva Azinari,
Waldineia Antunes Alcantara Ferreira



humanos, que, na atualidade, designam-se como remanescente de quilombo, fortalecidos pelos elementos de identidade e sentimento de pertença. São espaços decoloniais que pela vivência contrariam a ordem estabelecida. Segundo relato das moradoras, essa comunidade é relativamente nova e sua formação está ligada à ancestralidade dos povos ali residentes.

Lugar feito no saber e no fazer da roça de mandioca de mulheres e homens que se organizam em processos de subsistência e de organização social. Uma mistura mística de fazer a farinha de mandioca na coletividade, sob rezas e devoção a São Benedito. Igreja Cristã e santo negro ‘revificado’ na cor negra do povo dos quilombos.

Mulheres que plantam, colhem, cascam, ralam, torram a farinha e, em meio a esses trabalhos, cantam a São Benedito: “Meu São Benedito, cheira cravo e rosa e flor de laranjeira”. Rememoram que os pais de São Benedito não queriam mais ter filhos para não gerar mais escravos, visto ser uma família de escravos. Seus pais vieram da Etiópia para a Sicília, mas ainda tiveram Benedito. Benedito sempre foi muito insultado e suportou, tornando-se monge Franciscano. Quando morreu exalou cheiro de rosa e flor de laranjeira. É considerado o protetor do povo sofrido.

São elas, as rezadeiras e as protagonistas do siriri (dança tradicional mato-grossense) na comunidade. O trabalho é coletivo e as mulheres, com sutileza, assumem uma espécie de matriarcado, aliás, organização muito forte nas comunidades ribeirinhas do Estado de Mato Grosso. Dizemos isso porque as mães-mulheres assumem praticamente toda a tarefa educativa dos filhos/as e reúnem a família por gerações ao seu lado. Dessa forma, as atividades da roça de mandioca vão sendo realizadas ao longo de vários anos e as mulheres estão nessa lida com tamanha importância, ainda que não percebam. Observamos que elas ditam a organização, ao passo que os homens fazem as relações comerciais. Ainda assim, toda a costura do fazer cotidiano tem um planejamento feminino.

O comitê das mulheres, de alguma forma, evidenciou o protagonismo da mulher na roça, e assim como nas diversas ações dentro da comunidade. São elas que produzem o alimento sob o fogão de lenha e sob o forno de barro. Os homens são coadjuvantes: trazem a lenha, fazem o fogo; mas o sabor, o gosto, o fazer, é produzido pelas mãos femininas e fortes das mulheres.

São as mulheres, com o companheirismo dos homens, que comercializam a farinha de São Benedito; resultado do trabalho e da relação empreendida com a terra. A farinha de São Benedito, produto advindo da agricultura familiar, ganha o mundo sendo comercializada em vários pontos comerciais, sobretudo nas feiras que funcionam na Central Comercialização da Agricultura Familiar, localizada em Várzea Grande-MT. Trata-se de uma atividade planejada pela política territorial do extinto Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA).

Para chegar à feira é preciso levantar às 4 horas da manhã, sentir o orvalho no corpo, encontrar-se com a roça e colher a mandioca. Depois, as mulheres acendem o fogo, e o fogão de lenha queima e aquece. O corpo precisa se alimentar; e alimento, histórias e trabalho se confundem. O resultado é a farinha, que é vendida e que realimenta as pessoas da comunidade.

O saber e o fazer da mulher do/no Quilombo de São Benedito é uma

**Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, Amanda Pereira da Silva Azinari,
Waldineia Antunes Alcantara Ferreira**



complexidade ancestral, construída sob histórias e memórias coletivas, de necessidade de subsistência e de decolonialidade. O saber; é o saber que quer mulheres autônomas, reconhecidas em seus direitos de comunidade e de ser mulher. O fazer; é o da coletividade, da cantoria, da vida em comunidade e do se fazer mulher de aprendizagens de um mundo que subestima a capacidade de ser feminina.

As reflexões aqui construídas são leituras de outras mulheres, que com as mulheres do quilombo se encontraram na cotidianidade da vida e do fazer-se mulher. Os encontros de formação mencionados na introdução deste trabalho foram nossas formações, porque possibilitaram releituras e posicionamentos, ou, acima de tudo, empoderamentos. Descobertas ocorreram: “[...] sempre trabalhamos sem a utilização de agrotóxicos, em coletividade... Acho que sempre trabalhamos dentro da economia solidária e com a agricultura familiar.” (Fátima/Quilombo São Benedito).

Consideramos que o trabalho com o Comitê de Mulheres não foi uma tarefa fácil, mais foi desafiador, pois as mulheres ainda sofrem de forma significativa com o que Santos (2016) apregoa como impeditivo de uma vida melhor, o que se impõe pelo Capitalismo, Patriarcado e Colonialismo. Uma sociedade com características patriarcais determina o que a mulher tem que ser e/ou o espaço que deve ocupar na sociedade, que é o de ficar em casa de forma quieta, sem participar dos espaços de decisão.

Um bom exemplo disso refere-se a que, dos 14 municípios da Baixada Cuiabana, apenas um tem como presidente do sindicato uma mulher, o que se deu na gestão de 2013-2016. Vale destacar ainda, que nenhuma prefeitura tinha uma Secretaria Municipal de Agricultura tendo a frente uma mulher e que entre as associações e cooperativas são poucas as que têm uma mulher como presidente, a exemplo da Cooperativa de Agricultores de Nossa Senhora do Livramento (Coorlivre). Essa mulher, Terezinha Pedrosa Rios, foi assassinada juntamente com o seu esposo no dia 06 de setembro de 2017 em sua propriedade rural.

Também na cidade de Chapada dos Guimarães foi organizado o Curso Inicial de Economia Solidária do Estado de Mato Grosso, tendo como objetivo propiciar aos participantes o entendimento do que é Economia Solidária e de como o Movimento de Economia Solidária e a Política estão organizados no Brasil e, em especial, em Mato Grosso, tendo como pano de fundo a Política Territorial. O Percorso Formativo do Curso Inicial de Economia Solidária se resumiu em: o que é Economia Solidária, a diferença entre um trabalho qualquer na comunidade e do que é considerado Economia Solidária, os Empreendimentos Solidários, as trocas de experiências, a produção de cultura, os desafios que surgem no trajeto, a inclusão social que acontece, o sentimento de ser cidadão novamente, o consumo consciente, a escolha que vai além do produto, a escolha de confiança, a Economia e Ecologia em que se encontram, a parceria, o respeito ao ambiente natural, a troca que gera transformação, a geração de renda na solidariedade.

A formação integrou também as atividades do Seminário para consolidação do Comitê de Mulheres do Território da Cidadania da Baixada Cuiabana e ainda a reunião do Núcleo Diretivo do Colegiado.

Foi trabalhado o tema ‘Economia Solidária: Produção, Comercialização e Consumo’. Abordamos, ainda, sobre Produção, Planejamento, Organização do Empreendimento, Condições de Produção, Trabalho Coletivo, Estratégia Organizativas dos Empreendimentos de Economia Solidária, Comercialização, Comissão de Infraestrutura, e outros.

Em paralelo ao trabalho de formação também tivemos o trabalho de mobilização com as comunidades; para tanto, estivemos em vários municípios, sobretudo na Comunidade de Agrovila das Palmeiras, Município de Santo Antônio de Leverger-MT, com os alunos do Curso de Agroecologia, os bolsistas de Iniciação Científica Júnior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a equipe gestora da escola, os pais e os membros da Cooperativa Agropecuária Mista de Santo Antônio de Leverger (COOPAMSAL), sempre com o cuidado de discutir com a comunidade o desenvolvimento do projeto e a atuação de cada um na execução das ações.

Carece destaque o trabalho sobre associativismo e cooperativismo com a COOPAMSAL. Os alunos de Agroecologia vinculados ao CNPq têm produzido polpas de frutas da região, farinha de castanha de babaçu, farinha de banana e doces em geral para vender em uma feira na comunidade. Para potencializar esse trabalho de venda e exposição de produtos foi criada a Feira Itinerante da Agricultura Familiar do Território da Cidadania da Baixada Cuiabana, que começou no âmbito das Jornadas dos Povos do Brasil e do I Encontro Estadual das Mulheres dos Territórios Rurais e da Cidadania do Estado de Mato Grosso. Depois deste primeiro encontro já realizamos o II e o III Encontro Estadual das Mulheres de Territórios Rurais, e resultante desse terceiro encontro está no prelo um livro com o título: Mulheres, Território e Identidades: despatriarcalizando e descolonizando conceitos, a ser publicado pela Editora CRV.

Uma das últimas políticas deixadas pelo governo Dilma, interrompida pelo golpe midiático, jurídico e parlamentar, em 2016, foi o lançamento do Edital do “PROINF Mulheres” (Programa de Infra Estrutura aos Territórios/MDA), voltado aos Colegiados que têm Comitês de Mulheres. Diante do Edital, mobilizamos as mulheres do território para tomarem a decisão sobre que município possibilitaria fazer o investimento. Assim, foi deliberado coletivamente por encaminhar um projeto para a produção do Babaçu para o Quilombo Mutuca, em Nossa Senhora do Livramento, que tem a participação de mulheres e que conta com uma mulher na presidência da Associação. Após a decisão, encaminhamos a elaboração do projeto, bem como visitamos o prefeito de Nossa Senhora do Livramento no dia 29/03/2016 para discutir procedimentos burocráticos para encaminhamento do “PROINF Mulheres” para a Comunidade Quilombola da Mutuca desse município. O Nedet visitou o Município de Jangada, especificamente a comunidade de Mutum, que conta com a Associação de Mulheres. Esta por nós idealizada junto às famílias que ali habitam e labutam, e que realiza um trabalho importante de produção, mas que lamentavelmente tem a participação de poucas mulheres, sendo que hoje apenas algumas famílias participam dessa associação.

Interlocação entre Universidade e Comunidades Tradicionais: Territorializando os Nós, Entrenós e Conosco Mesmo

Nos últimos dois anos, procuramos constituir uma Rede de Pesquisa entre professores da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), onde nossos acadêmicos têm tido a possibilidade de realizar seus mestrados e doutorados, além dos professores realizarem o pós-doutoramento. Mais do que uma rede de pesquisa, trata-se de uma rede de trabalho e solidariedade, que é trançada por suor e lágrimas de professores que acreditam no bem viver, acreditam que o papel da Universidade, para além do tripé ensino, extensão e pesquisa, são o da crítica radical e é estar do lado dos pobres e oprimidos, tentar com eles encontrar saídas e soluções para as dificuldades que imperam, por exemplo, a produção, a circulação dos produtos e a comercialização dos seus produtos.

Acredita-se que a realização desse tipo de evento por professores ligados a diversos setores da universidade, que trabalham com populações marginalizadas e invisibilizadas, democratiza o acesso à cultura e ao conhecimento, como a produção cultural e o fortalecimento das tradições locais e os laços de pertencimento da cultura negra ou indígena presente nessa porção do território mato-grossense e que historicamente foi excluída (invisibilizada) da produção cultural e científica. Pretendemos contribuir para a aproximação da Universidade com alunos da Educação Superior e com a Educação do Ensino Fundamental e Médio, fortalecendo a compreensão da oralidade, da leitura e da escrita, pois esses são processos que se conectam a diferentes áreas do conhecimento, e a partir das leituras que a cultura e a ciência podem propiciar, problematizar e propor, por exemplo, ações didáticas contextualizadas, originais e interculturais. Compreendemos que ao aproximar a Universidade da escola pública nos reconstituímos na esfera docente porque partilhamos experiências e aprendemos uns com os outros.

Espera-se sensibilizar com vistas à integração das Mulheres dos Comitês de Mulheres dos Territórios Rurais e da Cidadania do Estado de Mato Grosso. A participação dos beneficiários se efetivará na forma de atendimento no que diz respeito à sensibilização dos prefeitos para a criação de Secretaria de Políticas para as Mulheres e na efetividade do Comitê de Mulheres dos Territórios Rurais e da Cidadania do Estado de Mato Grosso.

O II Encontro de Mulheres ocorreu no início de março de 2017, no Quilombo São Benedito no Município de Poconé, com a participação de visitantes, mas, sobretudo com toda a comunidade local que participa de todas as atividades, além de nos ensinar a convivialidade e a cultura de fazer a comida, de ir para a roça buscar a mandioca para fazer a farinha. Os espaços de documentários frutos de atividades pedagógicas midiáticas de vários projetos de pesquisa, ensino, extensão e cultura possibilitam a evidência de histórias e saberes étnicos dos povos indígenas. Participaram dessa atividade três escolas indígenas da Terra Indígena Apiaká-Kayabi com trabalhos que foram realizados pelo Programa Novos Talentos/CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior) e pelo Observatório de Educação Escolar Indígena, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT). Além das atividades midiáticas, houve espaço das

**Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, Amanda Pereira da Silva Azinari,
Waldineia Antunes Alcantara Ferreira**

produções escritas em forma de banner e exposição oral dos saberes a todos os visitantes do evento.

A finalidade de expor para a comunidade acadêmica e a população em geral produções científico-culturais desenvolvidas pelos Grupos de Pesquisas Corpo Educação e Cultura/UFMT (COEDUC) e Laboratório de Estudos e Pesquisas da Diversidade da Amazônia Legal/UFMT (LEAL), em interação com estudantes da educação básica (anos finais do ensino fundamental e ensino médio).

Esses encontros nossos, conosco e entre nós, que acreditamos que um mundo melhor é possível, valoriza e consolida as experiências de institucionalização do debate das políticas públicas de Mulheres no âmbito dos Territórios da Cidadania e da Identidade, a partir dos Comitês Territoriais de Mulheres e outros espaços de proposição de políticas públicas para as Mulheres, sob autonomia dos/as jovens rurais, designados a executar, avaliar ou acompanhar políticas públicas dessa natureza. Acrescenta-se a isso, discutir as estratégias de fortalecimento das políticas para as mulheres e a democratização da participação delas nas diversas esferas institucionais e federativas, assim como nos processos de controle das políticas públicas e nas suas múltiplas formas de organização e de manifestação. Também se destaca a intenção de reforçar a efetividade do debate sobre o enfrentamento das desigualdades entre mulheres e homens, visando ao fortalecimento de sua capacidade interinstitucional com as instâncias governamentais estaduais, municipais e de intersectorialização das políticas públicas para mulheres.

As condições de vida das mulheres do campo têm sido incluídas nas agendas políticas brasileiras, mas o avanço nas políticas públicas para a igualdade de gênero do ponto de vista estrutural ainda é lento e carece de investimentos nas várias esferas da sociedade, como na educação, trabalho e renda, acesso à saúde, espaços políticos de poder, etc.

O enfoque nas práticas de economia solidária ora realizadas pelas mulheres que compõem o Território da Baixada Cuiabana aparece como um elemento importante para a superação das desigualdades sociais e de gênero, pois, segundo Nobre (2003, p. 91), “[...] a economia solidária se constitui em práticas alternativas à economia capitalista [...]”. Ainda segundo a mesma autora: “[...] não tem como objetivo a acumulação do capital, mas resposta às necessidades cotidianas.” (NOBRE, 2003, p. 98).

Essas necessidades têm sido amplamente debatidas no âmbito da crítica feminista, e uma delas tem sido apresentada como o cuidado com o outro. Para a autora supracitada, o cuidado, ainda que considerado uma função naturalmente feminina, além da superação dessa forma de percebê-lo, carece de ser visto como ação política de todo ser humano.

Um dos instrumentos de participação popular importante, tem sido as audiências públicas. O Nedet contribuiu para a articulação de produtoras e produtores dos 14 municípios da Baixada Cuiabana em diversas ações, como a Audiência Pública sobre Agricultura Familiar, realizada em junho de 2015. Além do debate propiciado para a diminuição da distância entre políticas públicas e a realidade vivenciada pela população do campo, oportunizou-se a comercialização em feiras de alimentos produzidos agroecologicamente, bem como a produção de artesanatos, doces, entre outros.

**Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, Amanda Pereira da Silva Azinari,
Waldineia Antunes Alcantara Ferreira**



Nessa Audiência Pública diversos/as agricultores/as, trabalhadores/as do campo e da feira apresentaram suas demandas, alegando o descaso da representação política com a agricultura familiar na região, como podemos evidenciar na fala da agricultora que produz pepino:

Gente, eu vim na reunião. A gente já discutiu sobre a feira, mas eu tenho uma dificuldade grande de produzir. Se chove demais eu não produzo. Sou da região de Santo Antônio, que chove muito, então falo da realidade nossa. Quando chega os meses de fevereiro até maio a gente não consegue produzir porque esta chovendo demais. Falta o quê? Incentivo para cobrir. Eu produzo na seca, porque peguei o meu dinheiro e investi em irrigação. Sou produtora de pepino. Mas vejo uma dificuldade danada em produzir. Vejo a Empaer se pronunciando, mas ela atende grandes hectares, propriedade menor ela não consegue nos orientar. A prefeitura não tem nenhum trator para nos ajudar. Dizem que têm, mas eu nunca vejo. Quando eu preciso, ele nunca está lá. E as estradas, a gente tem que ser louco para ficar num lugar que não tem estrada (Agricultora 3 – 29/06/2015).

A fala da agricultora revela um poder público distante dos trabalhadores/as, o que dificulta a continuidade de uma produção num lugar em que o clima não é favorável. A ausência do poder público enfraquece a agricultura familiar que não dispõe de todos os meios de trabalho e precisa do apoio de maquinário, técnico e financeiro para potencializar a produção.

Outra agricultora demonstra o protagonismo, diante de tantos obstáculos, reafirmando o sentimento de pertencimento à terra:

Eu gostaria de dizer pros senhores que a agricultura familiar não vai acabar não. Nossos braços vão cansar, mas a nossa mente, nossos sonhos vão estar aqui. Porque nós nascemos na roça, nós trabalhamos na roça. Antes de vir para cá eu fritei banha de porco, fritei toicinho de porco para transformar em banha para trazer para cá. E a gente continua lutando. Há desavenças entre as cooperativas onde existem fins lucrativos. Porque gira dinheiro. Agora uma instituição como a nossa, que é uma associação que trabalha sem fins lucrativos, tem dado certo. Nós começamos com doze pés de alface e meia dúzia de pães caseiros. Daí para frente começou a andar. Sacrificando, eu indo para Alto Paraguai, Diamantino buscando ajuda. E nunca tive essa ajuda. Subi a serra de Capão Verde a pé. Naquela serra que morreu José Henrique Trindade. Um homem que morreu como arruaceiro, mas o que ele fez, foi buscar um pedaço de chão para quem ainda está morando lá. Vocês, que trabalham na agricultura familiar, não desistam nunca. Nós somos da terra, não importa se nosso filho vem para cidade estudar, mas um dia ele vai lembrar que é de lá que ele veio. O dinheiro que a gente precisa é só para nossa subsistência, nós não enriquecemos com o dinheiro da agricultura familiar, nós sobrevivemos. E lá é o nosso lugar

Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, Amanda Pereira da Silva Azinari,
Waldineia Antunes Alcantara Ferreira

(Agricultora 4 – em 29/06/2015).

As falas mostram a trama cultural estabelecida nessa sociedade, e da qual todas nós fazemos parte, e ainda confirmam a imposição da condição de classe da população pela política e pelo sistema econômico que continuam a garantir privilégios para pequena parcela de homens, brancos e da elite.

Por outro lado, há processos de resistências nessas falas, tanto da agricultora 3 quanto da 4. Há luta em curso e isso está relacionado ao pertencimento a que Freire (1989) chamou de assunção da identidade cultural. Para Passos (2010, p. 27), “[...] a identidade, com a qual nos fazemos e que também nos faz, entre muitas coisas, é o grande elo de cada um de nós, como seres vivos, com as gerações que nos precederam e que virão após a nós: este elo chama-se cultura.” Como forma de compreender-se e localizar-se social e culturalmente há avanços significativos nas elaborações e implementações das políticas públicas para o desenvolvimento econômico e social das mulheres do campo.

A política Territorial desenvolvida até então não resolve isoladamente o problema da participação social, mas amplia as suas possibilidades e contribui para o redirecionamento do investimento público no desenvolvimento econômico e social das populações camponesas, quilombolas e tradicionais. Há a necessidade de articulação entre vários Ministérios para a consolidação de uma política Territorial, sendo essa a organização inicial do Programa.

Segundo Puleo (2012, p. 34), a medicina “[...] ignora que uma pessoa que não consome alimentos de produção ecológica pode ingerir até cinquenta variedades de pesticidas por dia”, e isso tem se tornado um desafio mundial.

Considerações Finais

A realização, em outubro de 2016, do I Encontro Territorial de Mulheres do Estado de Mato Grosso, como evento paralelo ao Seminário de Educação da UFMT (SEMIEDU), promoveu círculos de saberes e trocas de experiências entre os sete territórios do Estado de Mato Grosso, sendo que dois desses territórios são da Cidadania e o restante Rural. Além de contribuir com o fortalecimento, sobretudo do Comitê de Mulheres do Território da Cidadania da Baixada Cuiabana, contribuiu com a qualificação da participação dos/as jovens mulheres que vivem nos territórios rurais e da cidadania, ribeirinhos, quilombolas, indígenas, de povos e comunidades tradicionais, agricultores e agricultoras familiares, acampados e assentados da Reforma Agrária, em espaços de discussão sobre políticas públicas.

O trabalho com o Comitê de Mulheres tem sido possível pela articulação de uma rede de professores, trançada por compromissos com uma sociedade melhor, e tem contribuído não só com os trabalhos de desenvolvimento territorial da Baixada Cuiabana, mas também com a melhoria da produção do conhecimento científico das escolas públicas do Vale do Arinos, com destaque aos municípios de Juara, Novo Horizonte do Norte e Porto dos Gaúchos, pois o grupo de pesquisa Leal é vinculado à UNEMAT/Campus de Juara. O trabalho de criação, bem como de formação do Comitê de Mulheres, leva em conta o empoderamento para que as mulheres atuem no meio em que vivem da forma

**Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, Amanda Pereira da Silva Azinari,
Waldineia Antunes Alcantara Ferreira**

mais independente possível, sobretudo para que façam o enfrentamento da violência de gênero, muito presente, sobremaneira, no campo. As ações empreendidas no interior do projeto são também uma forma de contribuir com o conhecimento acerca do patriarcado para que as mulheres dos territórios possam reivindicar e lutar por um lugar de igualdade no lar, para que assumam o espaço de decisão no lote rural e que ajudem a decidir no que investir com o dinheiro da produção.

Infelizmente, após dois anos de trabalho do Nedet Baixada Cuiabana com o Colegiado, apesar dos avanços, foi possível perceber que ele não possui a autonomia que gostaríamos e/ou que deveria ter. Talvez isso ocorra porque os Territórios estão ligados a uma diversidade de pessoas com interesses políticos diversos. Nunca será demais a Universidade discutir, a partir da vivência e do chão do Território, conceitos como Participação e Democracia.

É desafiador qualquer iniciativa de se fazer um trabalho diferenciado e ligado ao social. Sempre haverá dificuldades a serem enfrentadas, mas é importante valorizar a representação das comunidades e o fortalecimento que está acontecendo nesse percurso. Temos o Nedet, que, em conjunto com o Colegiado, busca avançar com os Projetos e os parceiros que valorizam as ações territoriais, a exemplo de alguns sindicatos e instituições governamentais.

Referências

DELGADO, Andréa Ferreira. Memória, trabalho e identidade: as doceiras da cidade de Goiás. **Cadernos Pagu**, v. 13, p. 293 – 325, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 23. ed. São Paulo: Autores associados, Cortez, 1989.

FREITAS, Taís Viudes de. O cenário atual da divisão sexual do trabalho. In: SILVEIRA, Maria Lúcia; FREITAS, Taís Viudes de. (Org.). **Trabalho, corpo e vida das mulheres**: crítica à sociedade de mercado. São Paulo: SOF, 2007, p. 9 – 66.

GARCÍA, María Franco. MONTEIRO, Karoline dos Santos. Acesso das mulheres à terra e ao território no Brasil: entraves e estratégias das camponesas quilombolas no espaço agrário da Paraíba. In: MIDITIERO JUNIOR, Marco Antonio; GARCIA, Maria Franco; VIANA, Pedro Costa Guedes (Org.). **A questão agrária no século XXI**: escalas, dinâmicas e conflitos territoriais. São Paulo: Outras expressões, 2015.

NOBRE, Miriam. Diálogos entre economia solidária e economia feminista. In: NOBRE, Miriam; FARIA, Nalu. (Org.). **A produção do viver**: ensaios de economia feminista. São Paulo: SOF, 2003, p. 91 - 101.

PASSOS, Luiz Augusto. Cultura: Flecha humana e cósmica que aponta o caminho para os sentidos. In: GRANDO, Beleni Salette; PASSOS, Luiz Augusto (Org.). **O eu e o outro na escola**: contribuições para incluir a história

Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, Amanda Pereira da Silva Azinari,
Waldineia Antunes Alcantara Ferreira

**Participação e Protagonismo das Mulheres no Território da Cidadania da
Baixada Cuiabana**

e a cultura dos povos indígenas na escola. Cuiabá: EdUFMT, 2010, p. 23 – 40.

PULEO, Alicia H. Anjos do ecossistema? In: FARIA, Nalu; MORENO, Renata (Org.) **Análises feministas**: outro olhar sobre a economia e a ecologia. São Paulo: SOF, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul**: Boaventura de Souza Santos em diálogo com Alice. Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Portugal, 22 a 30 de jun. 2016.

Recebido em 6 de Junho de 2017.

Aceito em 10 de Abril de 2018.

**Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, Amanda Pereira da Silva Azinari,
Waldineia Antunes Alcantara Ferreira**

